

MÉTODO HISTÓRICO NA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ (1736-1913)

HISTORICAL METHOD IN GERMAN HISTORIOGRAPHY (1736-1913)

FREITAS, Itamar¹

<https://orcid.org/0000-0002-0605-7214>

RESUMO: Neste artigo, inventariamos os usos das palavras “método” [Methode], “metodologia” [Methodologie] e Methodik em impressos que veicularam reflexões metahistóricas em língua alemã, entre meados do século XVIII e início do século XX. Também verificamos as condições de possibilidade de tais designações terem se transformado em conceitos históricos na segunda metade do século XIX, em manuais de Teoria da História e de Metodologia da História empregados na formação universitária de profissionais da História.

PALAVRAS-CHAVE: Método;
Historiografia Alemã; Manuais de Teoria.

ABSTRACT: In this article, we would invent the use of the words “method” [Methode], “methodology” [Methodologie] and “methodology” [Methodik] in printed materials which conveyed meta-historical reflections in the German language, between the 18th century and the beginning of the 20th century. We also verified the conditions about the possibility of such designations have been transformed in historical concepts in the second half of the 21st century, in manuals of Theory of History and History Methodology implemented at the university education of the History professionals.

KEYWORDS: Method; German Historiography; Manuals of Theory.

1 Professor do departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Doutor em Educação Pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
E-mail: itamarfreitasufs@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Quais significados de “método” e “metodologia” se apresentam para nós, quando observamos regressivamente, do início do século XX à primeira metade do século XVIII? Por que estabelecer marcos temporais tão extensos para o exame de um lugar tão reduzido na escala? A busca pelos significados dos termos “método” e “metodologia” foi motivada pelo duplo desconforto de quem ensina História: a dificuldade de vincular a Didática da História ao conceito de “método histórico” e o tratamento teleológico concedido pelos historiadores da Historiografia à invenção desse objeto.

Do primeiro desconforto, é bastante afirmar que não há o mínimo consenso sobre o que seria “método histórico” e como tal método fundamentaria uma proposta para o ensino de história na escolarização básica. Que as ciências de referência podem pautar a constituição das disciplinas escolares nós já sabemos há mais de um século. Contudo, não chegamos a um denominador comum sobre o que o ensino estaria a dever à epistemologia histórica – a começar pela questão antropológica enfrentada por alguns historiadores: vivemos em um mundo de sujeitos? Suponhamos que eles existam: em que medida os historiadores concordam a respeito das finalidades, das habilidades a serem desenvolvidas, dos valores a serem cultivados que – relacionados à epistemologia histórica – poderiam inspirar os sistemas de ensino?

Certamente, não ofereceremos respostas ao primeiro motivo neste artigo. Mas podemos avançar com relação ao conhecimento dos modos de contar a história do método, de defini-lo, de conhecer como certa vulgata – heurística, crítica e interpretação, por exemplo – veio a se estabelecer de tal modo que muitos de nós a defendem em público, mas não convencem a si mesmos sobre a sua universalidade. Façamos, então, um exercício formativo em três movimentos: (1) relembando as teses menos conflituosas defendidas pelas histórias da historiografia alemã sobre o objeto “método histórico”; (2) demonstrando que diferentes propósitos geraram caminhos distintos, nomeados por listas de habilidades e valores designados por diferentes termos com rara sinonímia e abundante ambiguidade; e (3) representando as ampliações e restrições do campo semântico de “*Method*”, “*Methodik*” e “*Methodologie*”, demarcando possibilidades de transformação das designações em conceitos históricos.

O INCÔMODO CONSENSO

Nas primeiras historiografias gerais que trataram da Alemanha, produzidas entre fins do século XIX e meados do século XX, largo espaço foi destinado às relações tecidas

entre História e Filosofia e entre História e Ciências Naturais. Seus autores também se ocuparam dos nexos entre escrita da História e construção do Estado-nação, examinando trajetórias exemplares, como as de J. C. Gatterer, no século XVIII, G. B. Niebuhr, L. v. Ranke e J. G. Droysen, no século XIX (WEGELE, 1885; DALBERG-ACTON, 1907; FUETER, 1911; GOOCH, 1913; CROCE [1916] 1921; BARNES, 1919; LEFEBVRE, 1971; BUTTERFIELD, 1960; CASSANI AMUCHASTEGUI, 1966). Não encontramos, contudo, numeroso conjunto de sínteses do método e é provável que isso se deva ao fato de “o método histórico” ser matéria de todas as historiografias, refletindo já um pressuposto tri-centenário: os saberes são “ciência” (e/ou uma ciência especializada “em...”) quando recortam e justificam (a singularidade dos) seus próprios objetos, “questões” e, sobretudo, “métodos”. Desse modo, também para a História, um dos núcleos (senão o principal) da História ciência seria o “seu” método (assim, no singular). Ele é discutido como um dos objetos das histórias da historiografia e como meio (parâmetro) de julgamento das obras analisadas.

Diferentemente das primeiras histórias da historiografia alemã, a escrita mais nova sobre o mesmo tema concentrou seus esforços em questões pouco abrangentes e de corte internalista. Ela busca fundamentos epistemológicos e ontológicos, traços diacríticos do historiador, institucionalização, profissionalização e padronização de categorias e regras e construção de um método (BREISACH, [1983] 1994; BLANKE, FLEISCHER, RÜSEN, 1984; IGGERS, 1984; IGGERS, 1997, IGGERS, 2013; ESCUDIER, 2003; BLANKE, 1991, BLANKE, 2005; BOSS, 2012; MUHLACK, 2013; WOLF, 2014).

Essa recente historiografia e a historiografia antiga diferem acerca da natureza do objeto. As primeiras, por um lado, se ocuparam, majoritariamente, das obras que veiculavam conteúdos substantivos: Histórias “de” Osnabrück, Igreja Cristã, Império Medieval, Humanidade etc. As últimas, por outro lado, empregaram obras de conteúdo substantivo, mas revelam novos títulos cujos interesses maiores dos autores-fonte foram as teorias, as ciências auxiliares e/ou os métodos “da” História. Nas recentes, por fim, a constante discussão sobre os estatutos ontológico, epistemológico e metodológico tem induzido os especialistas a recolherem como fontes os prefácios, introduções e apêndices de algumas poucas obras não necessariamente criadas para o uso ou produzidas em ambientes de formação superior.

Essas últimas análises, produzidas a partir de meados da década de 80 do século passado, problematizaram a natureza, os fundamentos, o apogeu e a crise do “historicismo”, os fundamentos estético/literários da Teoria da História (FULDA, 1996) gestada nos séculos XVIII e XIX, a emergência da ciência histórica “moderna” e da “profissão histórica” (TELMAN,

1993), o conteúdo da formação superior em História – em termos de “Teoria da História” (BLANKE; FLEISCHER; RÜSEN, 1984, p. 37-52) e o “método histórico” (BLANKE, 1991, p. 88-89; 2005, p. 290, p. 301; MUHLACK, 2013, p. 252). Todas elas, em menor ou maior grau, legitimaram a diferenciação (e/ou a transição) entre a historiografia da *Aufklärung* e a historiografia do *Historicismus*, as mutações dos significados de “História” e das funções expressas pelas numerosas teorias da História em vigor, algo que lembra muito as divisões das primeiras historiografias de síntese (a escrita de E. Fueter, é um bom exemplo) em racionalismo / romantismo / naturalismo ou no iluminismo / historicismo. Mas fiquemos com as recentes.

Especialistas, em sua maioria, que se ocuparam da propedêutica historiográfica, produzida entre 1750 e 1900, perseguiram diferentes metas com variados modelos analíticos, chegando, obviamente, a conclusões díspares sobre o valor da historiografia da *Aufklärung* e da historiografia do historicismo, no que diz respeito às fundações da ciência moderna e ao caráter teórico-reflexivo dos seus manuais. Contudo, predominantemente, com relação aos termos “método”, “metodologia” e *Methodik* e aos seus compostos adjetivados, como “histórico” ou “histórica”, as operações de crítica de fontes foram as “coisas” requisitadas por esses autores para tipificar o trabalho dos historiadores do século XVIII e do período 1810-1830 (de B. Niebuhr a L. v. Ranke). Em um caso, tal crítica foi detalhada como avaliação da autenticidade e práticas de interpretação. Esses dois termos, “crítica” e “interpretação” (com variantes “crítica” e “intuição” e “crítica” e “hermenêutica”) foram também empregados como coisas do método histórico, principalmente, para indicar a singularidade da *Historik* de Droysen. Em menor número de ocorrências, constatamos o emprego de “método” e “metodológica” como gênero literário, modos de compor e modos de ensinar, sem que tais significados fossem considerados relevantes para qualificar a ação de um autor ou de um conjunto, seja da *Aufklärung*, seja do historicismo.

Esses resultados foram obtidos mediante quatro modos dominantes de investigar a história da historiografia alemã: a crítica de obras e autores representativos (Iggers, Muhlack e Escudier), a combinação do emprego de paradigmas e construtos típico-ideais (Blanke, Fleischer e Rüsen), categorias-chave da Sociologia das Profissões (Telman) e da História das ideias (Fulda).

Por um exercício formativo, e para evitarmos grosseiros anacronismos, resolvemos, momentaneamente, nos distanciar do par oposto *Aufklärung* / *Historicismus* e investigar os significados de “método”, “metodologia” e *Methodik*, ao longo de dois séculos e meio (1736-1913), a partir das situações de uso e da significação dos étimos em contextos bastante

particulares, partindo das mesmas fontes empregadas pela História da Historiografia recente. Na tarefa, fomos orientados pelo seguinte raciocínio: é legítimo o esforço interpretativo dos recentes historiadores – domando a massa de dados disponíveis nas organizadas bibliotecas e arquivos alemães na segunda metade do século XX. Mas é pouco provável que os sujeitos que escreveram artigos, discursos e manuais tenham se comportado exclusivamente no interior dos seus quadros teóricos ou paradigmas balizados por dois grandes modos de pensamento.

Se coletarmos o máximo de designações empregadas nas respostas ao “como eu faço”, “como farei”, “como fiz”, “como convencionalmente se faz” ou “como não se deve fazer” e se compararmos os seus significados (sincrônica e diacronicamente), considerando os propósitos relacionados à produção do impresso e algumas funções teóricas, convencionalmente abonadas pela história da historiografia, pensamos que podemos não apenas perceber maior variação nas relações típicas entre significados (ideias de caminho - *methodus*) e significantes (designações de método) como também selecionar uma amostra representativa de discursos sobre “método” ou “de teoria”, produzidos em língua alemã que não seja, necessariamente, ponto de partida e ponto de chegada, como foi comum perceber na literatura citada. É possível que assim justifiquemos melhor as nossas escolhas em posteriores fundamentações de projetos de Teoria da História e de Didática da História.

As fontes sobre as quais aplicamos esse questionário, como já afirmamos, foram os textos empregados por todos os historiadores da historiografia aqui comentados. Essa estratégia visa garantir o controle intersubjetivo da literatura. O emprego simultâneo de “grandes e não tão grandes autores” também reforça esse controle – ainda que não abordemos contextos “político-sociais”. Contudo, incorporamos as fontes, por exemplo, citadas por Iggers, enquadráveis na rubrica de “grandes autores”, e de Koselleck, Blanke e Fulda, que trabalham com ambos os tipos.

A baliza inicial do inventário (segunda metade do século XVIII) foi estabelecida a partir das possibilidades de consulta oferecidas pelas fontes, ou seja, o mais recuado texto citado pelos historiadores da historiografia produzida originalmente em língua alemã. O marco final está relacionado à última resposta de K. Lamprecht aos seus críticos (1913), no episódio conhecido como *Methodenstreit*. É provável que esse acontecimento tenha selado a vitória do(s) historicismo(s) sobre as propostas analíticas/positivistas de interpretação do passado na Alemanha unificada dos anos 1870.

Quanto aos procedimentos, eles estão distribuídos em notas, ao longo deste texto. Por enquanto, importa deixar claro que, no tratamento dos termos inventariados, empregamos

as estratégias de análise semântica de N. Kvastad (1990), apoiada por inferência estatística, quando possível. Na escolha desse percurso e na interpretação dos dados, seguimos de modo não ortodoxo os *insights* de P. Feyrabend (2007) e de M. Foucault (2012) que nos aconselham a não compreender os conceitos como resultantes de processos sedimentados de hábitos e operações individuais, nem as ciências como coleções de assuntos homogêneos e coerentes.

CORPUS, PROPÓSITOS E CAMINHOS

Os discursos-fonte referidos pelas histórias da historiografia alemã puseram a História na condição de meio, como a História da Igreja Cristã (SCHROECKHS, 1768) e na função de fim, a exemplo do Esboço de uma Teoria da História (ORTH, 1869). Ambos estavam em relativo equilíbrio quantitativo. No que diz respeito às funções da História, detectamos reduzido número de trabalhos que validavam a exemplaridade: são os casos de Will (1766) e Rotteck (1839), majoritário grupo que empregava a estratégia autotélica – ou prática com fim em si mesmo (RANKE, [1824] 1885; BERNHEIM, 1889; MEISTER, 1913) e intermediária quantidade de textos que associavam a função autotélica à função de utilidade para o presente (GATTERER, 1765; DROYSEN, 1857/8).

Com relação à natureza do conteúdo, também predominou o equilíbrio. Dos discursos metahistóricos, 20 títulos pertenceram ao século XVIII, e 27, ao XIX e XX. No conjunto, vigorou a dispersão de gêneros, objetos e propósitos, como indicam os títulos: Princípios gerais da Ciência da História (CHLADENIUS, 1752), Esboço de uma propedêutica dos Estudos Históricos (RÜHS, 1811) e Introdução ao pensamento histórico (LAMPRECHT, 1913). Entre as “Histórias de...” (de conteúdo predominantemente substantivo), a dispersão vigorou: houve histórias de períodos (Antigo e Século XIX), de nações (Alemanha e França), povos (Judeus, Latinos e Germânicos), níveis de experiência (Arte e Poesia), acontecimentos/processos (Helenismo e Revolução Inglesa), pessoas (Karl Marx e Alexandre, O Grande), disciplinas (Ciências Sociais e Filosofia) e instituições (Igreja Cristã e Império Alemão). Metade dessas Histórias era tipificada como “Geral”, “Universal”, “Mundial” e da “Humanidade”, circulando no século XVIII e no século XIX.

Vemos, assim, que a variação de tempo, espaço e sujeitos recortados já indica a multiplicidade de propósitos sintetizáveis em grandes rubricas: compor histórias gerais e particulares, orientar sobre ensino de História dessas mesmas “ciências” (sobretudo no século XVIII), planejar currículos para cursos superiores e reger o exercício das habilidades-valores relativas aos saberes Antiquários, às Ciências Históricas e, adiante, à Ciência da

História (Quadro 1). Os caminhos para cumprir essas metas, entretanto, são mais resistentes a uma tipologia, quando respeitamos as designações originais.

Quadro 1: Autores, propósitos e meios na historiografia em língua alemã (1875-1913)

| Ano | Autor | Propósito | Designações |
|------|---------------|---|-------------|
| 1755 | MOSCHEIM | escrever História Eclesiástica | M |
| 1765 | GATTERER | escrever História Universal | H |
| 1766 | WILL | ensinar a ler historiadores | Rs |
| 1767 | WINCKELMANN | escrever História da Arte Antiga | M |
| 1772 | SCHLÖZER | escrever e ensinar História Mundial | MHM |
| 1775 | BUSCH | ensinar a ler Histórias | Rs |
| 1780 | SCHELLE | escrever História Universal | P |
| 1784 | SCHLÖZER | prescrever Divisão do Trabalho Histórico | SE |
| 1784 | WIGGERS | prescrever deveres do Historiador | MR |
| 1785 | MEINERS | precever objeto e método de História da Humanidade | M |
| 1785 | SCHLÖZER | ensinar a criticar crônicas | C |
| 1789 | KRAUS | ensinar a usar a História | PCH |
| 1796 | KRUG | prescrever <i>Methodik</i> | Mk |
| 1796 | MAIER | prescrever tratamento e elaboração da História | RsGP |
| 1799 | SCHÖNEMANN | prescrever obrigações do Historiador | Ts |
| 1802 | FESSMAIER | ensinar a avaliar Trabalhos Escritos | RsC |
| 1804 | WOLTMANN | ensinar a julgar o Trabalho Histórico | C |
| 1808 | FABRI | prescrever objeto e função da Metodologia Histórica | MH/P/Rs |
| 1811 | RÜHS | prescrever Plano de Aula | R |
| 1813 | BECK | escrever História Geral dos Povos | M |
| 1830 | RANKE | escrever História Universal | D/R |
| 1836 | RANKE | distinguir Política e História | T |
| 1839 | ROTTECK | escrever História Mundial | MHU |
| 1847 | ARNOLD | criticar falta de textos de Teoria da História | MPH |
| 1857 | DROYSEN | prescrever “essência” do Método Histórico | MH |
| 1857 | DROYSEN | apresentar escopo e método da CH | Ma |
| 1868 | MAURENBRECHER | prescrever lugar do MC no Trabalho Acadêmico | MC |
| 1869 | ORTH | prescrever princípios da Pesquisa Histórica | MPH |
| 1883 | DILTHEY | criticar a metafísica | MAH |
| 1889 | BERNHEIM | prescrever tarefas da Metodologia | Ma |
| 1889 | BERNHEIM | caracterizar Método Histórico | MH |
| 1889 | BERNHEIM | prescrever principais tarefas do MH | TMH |
| 1889 | BRESLAU | ensinar Crítica de Documentos | CI |
| 1891 | LORENZ | prescrever tarefas da Ciência Histórica | M/C |

| | | | |
|------|-----------|---|---------|
| 1893 | SCHMOLER | prescrever Método da Economia | ME |
| 1893 | SCHMOLER | descrever operações do Método Histórico | MH |
| 1896 | LAMPRECHT | descrever Método de Produção de Memória | M |
| 1902 | MEYER | apresentar ideias sobre T-MH | TMd-TMH |
| 1913 | LAMPRECHT | descrever práticas e Herder e de Kant | MT |
| 1913 | MEISTER | prescrever etapas do MH | MH |

Obs: Este quadro não é exaustivo.

C – Crítica, CI – Crítica e Interpretação, D – Demandas, H – [*Hauptstück*], M – Método, Ma – Metodologia, MT – Métodos de trabalho, MAH – Métodos de Análise Histórica, MC – Método Crítico, MHa – Metodologia Histórica, MHM – Método de História Mundial, MPH – Método da Pesquisa Histórica, MRs – Método e Regras, P – Plano, PCH – Princípios de Crítica Histórica, RC – Regras de Crítica, R – Requisitos, Rs – Regras, RGP – Regras Gerais e Princípios, SE – Serviços dos empregados [*Mitarbeiter/Dienste*], Ts – Tarefas, TMa – Tarefas da Metodologia e TMH – Tarefas do Método Histórico.

Nesse ponto, percebemos que o nosso inventário já não pode limitar-se às palavras “Método”, “*Methodik*” e “Metodologia”. O que os autores nos apresentam como meio são também designados como “crítica”, “demanda”, “plano”, “princípio”, “regra”, “requisito” e “tarefa”, junto aos respectivos termos que designam realidades, a exemplo de Universo, Alemanha e Igreja. Vejamos algumas combinações de propósitos e caminhos, empregadas pelos autores-fonte.

Na maioria dos casos, quem se propôs a escrever a prestigiada História Geral (às vezes, um gênero de História e, às vezes, a “História em si mesma”) disse-o “como fez”, empregando curtas expressões, a exemplo do [coloquial] “meu método” [*meiner Methode*] registrado por Winckelmann (1767, p.xi): práticas antiquárias de frequentar bibliotecas e arquivos / ler eruditos antigos e modernos / buscar o significado correto dos termos para identificar os títulos e a autoria dos monumentos artísticos. Também foi comum listar “regras” [*Regeln*] – achar fontes / escolher o assunto / criticar fontes / dispor os fatos (GATTERER, 1765, p. 312) – e “princípios históricos” [*historischen Prinzip*] como aqueles anunciados por Ranke ([1830s] 2011, p.8-16), em aberta oposição ao idealismo de Hegel: foco nas condições de existência (e não na ideia) / foco no particular (e não no geral) / ênfase na compreensão do passado (e não do futuro) / consideração das coisas no tempo (e não a busca pelo absoluto). O “caminho” também dependia dos saberes requisitados como antípodas, elementares ou auxiliares e ganhava forma à medida que a tarefa abraçada pelo autor migrava entre o escrever, estudar, ensinar ou desvendar um mistério sobre autoria, datas tópica ou cronológica, causa ou consequência. Assim, quando o propósito do próprio Ranke foi produzir Histórias para a ampliação do passado, em oposição à teoria da exemplaridade,

ele expôs os meios [*Art und Weise*] ou os procedimentos [*Verfahren*], traduzindo-os por uma habilidade macro: o julgamento do valor da fonte ou, simplesmente, a crítica. Esse foi o caminho trilhado para apresentar a unidade dos povos latinos e germânicos ([1824] 1885).

Quando o propósito era escrever uma história diretamente associada à didática para cursos superiores, o “método de exposição [oral]” [*Methode der Vortrags*] foi considerado o ideal, tanto para a aprendizagem quanto para a escrita da História da Igreja (SCHROECKHS, 1768, [p. 605]). Não raramente, livros em formato manual [*handbuchartiger*] introduziram ou intercalaram comentários bibliográficos, comunicando, por exemplo, o valor de uma “segura pesquisa metodológica” [*sichere methodische Forschung*] para expulsar a “imaginação diletante”. Esse foi o caso da História da Antiguidade de E. Meyer (1884, p. 35). Mas a instrução poderia ser sistemática, para alunos e professores. Comuns, até meados do século XIX, foram as listas de atividades destinadas à sala de aula, principalmente em Faculdades de Filosofia, algumas delas designadas coletivamente de “metodologia histórica” [*historischen Methodologie*] (RÜHS, 1811, p. 19).

Se a finalidade era produzir histórias “particulares”, as introduções também eram ocupadas com instruções sobre o plano de composição, a crítica aos trabalhos do gênero ou determinados cuidados inovadores com relação à escolha e ao tratamento das fontes. Foi o caso da História dos Estados Antigos, onde Heeren (1799, p. 10) reservou a palavra “método” [*Methode*] para típicos modos composição da matéria: o “método” de dispor os povos um atrás do outro (etnográfico) e o “método” de dispor os Estados um ao lado do outro (sincrônico). Atitude semelhante tomou Niebuhr (1830, p. xxii) em sua História de Roma, ressaltando uma das suas principais inovações: o “método” [*Methode*] de narrar integralmente, em lugar de se ater apenas às lacunas ou aos períodos abandonados por Lívio e Tácito.

Quando os propósitos eram, especificamente, dar a conhecer ou exercitar determinadas práticas na resolução de problemas metahistóricos, Chladenius 2013 ([1752] 2013, p. 56-57), por exemplo, apresentou as “regras para o reconhecimento da história” [*Die Regeln der historischen Erkenntniss gehören zur Vernunftlehre*] como originárias da “doutrina da razão”. A principal descrição era sintética: empregar o silogismo (lógico-matemático). Na mesma década (1750), Sulzer (1759, p. 286) escreveu um manual enciclopédico sobre os conteúdos e propósitos de todas as ciências, afirmando a existência de “métodos diferentes” [*verschiedenen Methoden*] relativos a cada objeto tratado pela “*Historie*”. Para as atividades humanas, o método envolveria as operações de contextualizar / narrar acontecimentos, apontando-lhes as causas e as consequências de sua alteração.

No início do século XX – e com bibliografia autorizada há décadas, envolvendo compatriotas de distintas concepções teóricas (Gervinus, Droysen e Bernheim) –, A. Meister (1913, p. iii, p. 7) já estava convencido da precípua finalidade cognitiva da História. Assim, reservava para tal função o termo “princípios”, destituído do significado ontológico empregado por Ranke, encarnado nos “procedimentos” [*Vorgehen*]” de coletar o material (heurística) / examinar o material (crítica) / preparar e publicizar as fontes (edição) / assimilar, controlar a subjetividade, interpretar e combinar (concepção).

Além de listar habilidades, os autores prescreviam taxionomias embrionárias e também valores sob o mesmo significado de “caminhos”, raramente associados às habilidades. Dos primeiros, são exemplos os conhecidos “crítica” interna e “crítica” externa (KRUG, 1796, p. 89), “crítica inferior” e “crítica superior” (WOLTMANN, 1804, p. 491-492), “método” coletivista e “método” individualista, historiador de primeira, de segunda ou de terceira mão (SCHÖNEMANN, 1799, p. 16-17.) e os diferentes graus de credibilidade: é verdade [*das ist wahr*] o que dizem documentos e monumentos não adulterados / é verdade o que dizem as testemunhas oculares / é verdade o que dizem os autores que se baseiam nas testemunhas oculares / é pouco ou aparentemente verdade o que dizem as tradições (GATTERER, 1767, p. 471-472).

Até aqui, tentamos demonstrar que os autores-fonte de relatos predominantemente substantivos ou predominantemente metahistóricos produziram discursos sobre os caminhos trilhados ou trilháveis para atingir os seus propósitos. Nessas empreitadas, deixaram listas de coisas – habilidades e valores – dispostas em classes ou ordens, ao sabor dos vários significados de História, das finalidades dos impressos e dos saberes requisitados para produzi-los.

Vimos também que essas coisas foram designadas por diferentes termos e, ao fim e ao cabo, encarnaram o significado de caminho, ainda que tenham aparentado, cada um deles, certa autonomia em seus contextos: regra, crítica, procedimento e método. É o cruzamento de algumas dessas coisas com os seus nomes, ao longo de dois séculos, que exploramos a seguir.

AS DESIGNAÇÕES DOS CAMINHOS E OS SEUS SIGNIFICADOS

Das coisas anunciadas como elementos do caminho [*betretene*], as habilidades são dominantes. A maior parte delas, entretanto, foi empregada de modo isolado, como uma etapa ou a “[natureza/essência]” de um “bom” percurso (em grande parte dos casos) não detalhado pelo autor. A habilidade de dividir (com proporção e simetria), presente no ato de

periodizar ou de “determinar as épocas” [*der Bestimmung der Epochen*], por exemplo, é a principal coisa do “método da História Mundial” prescrito por Roteck (1812, p. 66-67): assim como o geógrafo divide a Terra em continentes e países, a História deve dividir o Mundo em eras e períodos, ele afirmou (Quadro 2).

Quadro 2: Autores, designações e coisas que expressam habilidade isolada (1767-1913)

| Ano | Autor | Designação | Coisa de uso isolado |
|-------|-------------|------------------------------|------------------------------|
| 1767 | GATTERER | Método de episódio | Dispor acontecimentos |
| 1774 | ENGEL | Método dos escritores | Narrar |
| 1780 | SCHELLE | Método artificial | Narrar |
| 1782 | SEMLERE | Método leve e seguro | Editar |
| 1789 | WILL | Método dos antigos | Datar |
| 1802 | FESSMAIER | Método genealógico | Dispor |
| 1811 | RÜHS | Método das Quatro Monarquias | Dispor |
| 1813 | BECK | Método | Medir-periodizar |
| 1824 | RANKE | Arte da pesquisa | Pesquisar-criticar |
| 1829 | SCHLÖZER | Método pragmático | Ensinar |
| 1830 | NIEBUHR | Método | Narrar |
| 1835 | DAHLMANN | Método da Universidade | Ensinar |
| 1835 | DUBNOV | Método dialético | Interpretar |
| 1839 | ROTTECK | Dividir | Periodizar |
| 1847 | ARNOLD | Método de certeza | Buscar (Hegel) |
| 1847 | ARNOLD | Métodos e princípios | Conhecer (Kant) |
| 1852] | MOMMSEN | Métodos | Ensinar |
| 1857 | DROYSEN | Métodos | Conhecer |
| 1862 | GISIEBRECHT | Método da pesquisa crítica | Julgar |
| 1864] | SYBEL | Método matemático preciso | Precisar |
| 1866 | GERVINUS | Método de Filosofia | Especular |
| 1871 | GERVINUS | Método de encurtar | Sintetizar |
| 1877 | BOECKH | Método | Datar |
| 1877 | BOECKH | Método indutivo | Investigar (Bacon) |
| 1877 | BOECKH | Método analítico | Analisar (Platão) |
| 1877 | BOECKH | Método hermenêutico | Interpretar |
| 1883 | DILTHEY | Métodos da Sociologia | Investigar (Comte) |
| 1883 | DILTHEY | Método geral (estético) | Analisar (Lessing) |
| 1889 | BRESLAU | Método de tratar documentos | Julgar |
| 1893 | SCHMOLER | Método estatístico | Quantificar |
| 1893 | SCHMOLER | Método das ciências naturais | Descobrir (estatisticamente) |

| | | | |
|------|------------|------------------------------|---------------------------------|
| 1896 | LAMPRECHT | Método causal | Conectar por causa-consequência |
| 1897 | HINTZE | Princípio metodológico geral | Interpretar |
| 1898 | BELOW | Método | Sistematizar |
| 1905 | BERNHEIM | Método comparado | Comparar |
| 1905 | BURCKHARDT | Métodos | Interpretar |
| 1908 | WINDELBAND | Método da indução | Induzir |
| 1913 | LAMPRECHT | Métodos | Periodizar |
| 1913 | LAMPRECHT | Princípios | Interpretar |

Obs: Este quadro não é exaustivo.

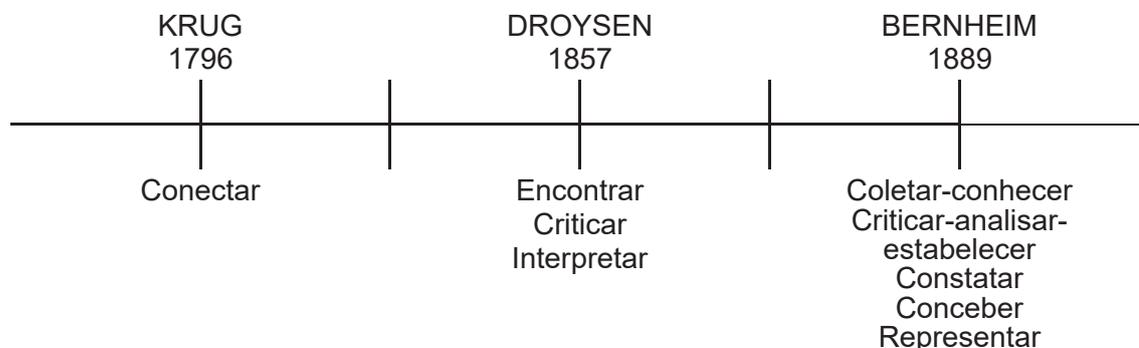
Essa prática de anunciar uma habilidade como a genérica coisa mobilizada no percurso se repetiu em 90% dos autores, ainda que não ganhasse, como em Roteck, o caráter de “natureza/essência” do caminho. Dispondo as coisas em listas e as observando diacronicamente, pudemos perceber que o emprego de apenas um termo (acompanhado de um artigo) predominou no século XVIII: “o método”, “as regras”, “a crítica”, os princípios e “um plano para...”. A exceção fica por conta das expressões “método de História Mundial” (SCHLÖZER, 1772, p. 45, p. 18-23) e dos seus usos implícitos: “método” de História Universal e “método” da História da Humanidade (MEINERS, 1785, p. 533).

No século XIX, ao contrário, pululam expressões compostas, como a “metodologia histórica” de Fabri (1808, p. 441-443) – encontrar / distinguir mensagem certa-duvidosa / classificar; o “método histórico”, ou “metodologia da pesquisa histórica” de Droysen ([1857] 1977, p. 57-58, p. 397-399) – questionar-encontrar / criticar / interpretar / apresentar ; ou, ainda, o “método da pesquisa histórica” de Orth (1869, p. 18) – pesquisar fatos / criticar fontes / relacionar fontes e fatos.

Em geral, o termo “método”, com emprego isolado, designava operações que cumpririam propósitos de escrita ou ensino de conteúdos substantivos. Esse foi o caso de Mosheim ([1755] 1852, p. xi) – para a escrita da História Eclesiástica (definir assunto / periodizá-lo / distribuí-lo em tópicos) – e de Beck (1813, p.57-58) – para narrar a História Geral dos Povos (dividir em períodos / conectar eventos mundiais e histórias pessoais).

No século XIX, relacionado às atividades de escritores de História ou de historiadores que prescreveram regras, o termo isolado raramente apareceu. Lamprecht foi uma exceção, quando afirmou a identidade de “método” entre os modos de produção da memória dos populares e os modos de produção da memória dos historiadores profissionais. Foi exceção também no interior da sua obra propedêutica.

Figura 1: Ampliação do campo semântico de *METHODIK*



Methodik também foi termo raro. Empregaram-no, inicialmente, como conjunto de “princípios e regras para compor relatos”. No texto de Krug, *Methodik* era uma entre as três “ciências históricas” responsáveis pela produção de uma obra: julgar eventos (Ética Histórica) / selecionar-organizar (Crítica Histórica) / conectar (*Methodik* Histórica).

Tomando Krug como termo de comparação, observamos que a abrangência do étimo foi ampliada quatro décadas depois em Droysen (1977, p. vi-vii), passando a tratar também de heurística, crítica e interpretação, e a ocupar a segunda parte das três prescritas em sua *Historik* (Teoria da História – e não mais das “ciências históricas”) (Quadro 3).

Quadro 3: Autores, designações e habilidades em sequência na historiografia em língua alemã (1775-1913)

| Ano | Autor | Sequência-coisa |
|------|-----------------|---|
| 1755 | MOSCHEIM (M) | definir assunto/periodizá-lo/distribuí-lo em tópicos |
| 1766 | WILL (C) | ler/julgar/interpretar/aceitar-recusar passagens |
| 1775 | BUSCH (R) | ler /observar sequência/ sincronia/criticar/aplicar/ler HU e HP |
| 1780 | SHELLE(PI) | apresentar fontes/notícias geográficas/históricas/estatísticas |
| 1785 | SCHLÖZER (C) | Interrogar-corriger-interpretar/julgar ações-intenções |
| 1796 | KRUG (MgH) | julgar eventos/selecionar-organizar/conectar |
| 1796 | MAIER (PRG) | encontrar/contextualizar/escrever |
| 1808 | FABRI (MgH/PR) | aprender via oral/aprender via compêndios, mapas e globos... |
| 1824 | RANKE (P) | contextualizar/tipificar escrita/criticar correção e uso das fontes |
| 1830 | RANKE (R) | verdade/fontes/universalidade/causas/imparcialidade/totalidade |
| 1830 | RANKE (M) | determinar a forma/determinar a substância |
| 1833 | RANKE (?) | criticar/conceber de modo objetivo/sintetizar |
| 1847 | ARNOLD (C) | investigar/interpretar/conferir |
| 1858 | DROYSEN (MH/Mk) | questionar-achar/criticar/interpretar/apresentar |
| 1882 | DROYSEN (MH/Mk) | questionar-achar/criticar/interpretar |

| | | |
|------|---------------------|---|
| 1889 | BERNHEIM (MH) | induzir/deduzir/induzir |
| 1889 | BERNHEIM (MH/Mg) | coletar/criticar-constatar/conceber-reconhecer/representar fato |
| 1891 | LORENZ (C/M) | classificar-ordenar-julgar/apresentar |
| 1893 | SCHMOLER (MH) | descrever/criticar |
| 1896 | LAMPRECHT (M) | imaginar/restaurar o acontecido |
| 1907 | BERNHEIM (M/MH/MsT) | achar/criticar/interpretar/conceber/apresentar |
| 1913 | LAMPRECHT (MT) | intuir /induzir |
| 1913 | MEISTER (MH) | coletar/criticar fontes/editar fontes/conceber |

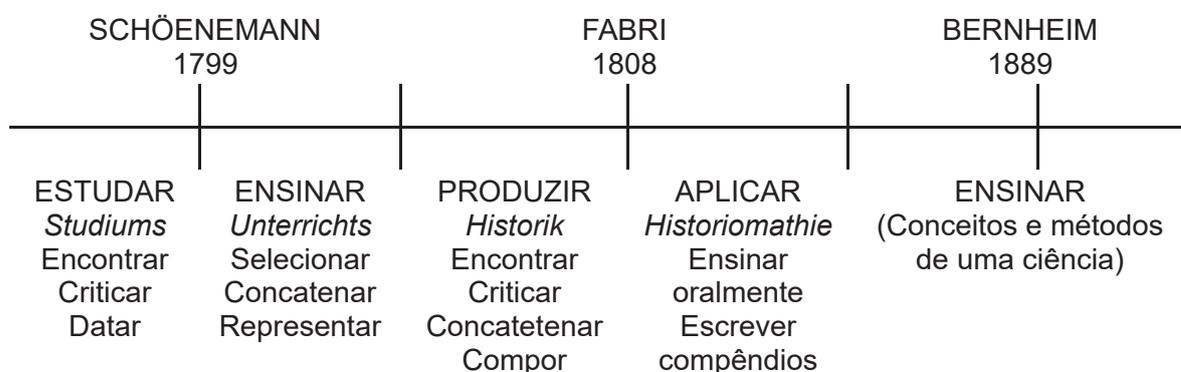
Obs: Esse quadro não é exaustivo.

C – Crítica, M – Método, MCA – Metodologia da Crítica Histórica, Mg – Metodologia, MgH – Metodologia Histórica, MgPH – Metodologia da Pesquisa Histórica, MH – Método Histórico, Mk – Methodik, MsT – Meios de Trabalho, MT – Método de Trabalho, P – Procedimentos, PI – Plano, PR – Princípios e Regras, PRG – Princípios e Regras Gerais e R – Requisitos.

Quase um século depois, a *Methodik* da “ciência da história” de Bernheim (1889, p. 151-152) reunia todas as operações presentes nas “ciências históricas” de Krug e na *Historik* de Droysen: coletar-conhecer substância [*Stoffes*] /criticar-analisar substância e estabelecer / constatar [*konstatierung*] o fato / conceber (o significado e a conexão) para reconhecer o fato / representar (os fatos). Na última versão do texto de Bernheim (1907), *Methodik* foi posta entre parênteses para ajudar o leitor a atribuir um antigo significado a uma nova palavra no seu manual: “meios de trabalho” da Ciência da História.

“Metodologia”, de modo isolado, foi ainda mais raro. Empregaram-no para significar as obrigações do historiador, no que diz respeito à preparação do material e ao tratamento do mesmo, isto é, às habilidades e operações relativas ao estudo histórico [*historischen Studiums*] e ao ensino da história [*Unterrichts*] (SCHÖNEMANN, 1799, p. 12), de produzir, compor e comunicar [*Historik* ou *Ars Historica*] e empregar a História no cotidiano via ensino oral ou transmissão via compêndios (FABRI, 1808, p. 441-443).

Figura 2: Restrição do campo semântico de *METHODOLOGIE*



Essa dupla função foi constatada por Pandel também no texto de Brehm (1799): Historiografia ou *Historik* para o tratamento do material e *Historiomathie* para a apropriação do mesmo (PANDEL, 1990, p. 180-181).

Ao final do século XIX, Bernheim buscou na *Encyklopaedie und Methodologie der Romanischen Philologie*, de G. Körting (1884), o abonamento para definir *Metodologie* ou *Methodenlehre* como saber teórico, distanciado do saber aplicado (*Methodik*). Por “*Methodologie* ou [doutrina do Método],” afirmava Bernheim, “compreendemos a apresentação geral dos conceitos e da natureza do Método de uma ciência. *Methodik* reúne os princípios metodológicos individuais e os [kuntsgriffe] que deles derivam.” (BERNHEIM, 1889, p. 97).

Ao contrário de “Metodologia” e “*Methodik*”, a designação “crítica” e as habilidades e valores que tradicionalmente lhe acompanhavam foram flagradas recorrentemente e, ao longo do todo o período em análise, de modo sintético ou detalhado, focando documentos avulsos ou narrativas de histórias gerais.

Com o termo “crítica”, os autores designavam a atribuição de valor, o julgar e o conferir. Em geral, tais palavras mediavam propósitos preparatórios de escrita, exposição oral ou aplicação da informação histórica na vida prática. Chamava-se “crítica”, por exemplo, o conjunto de tarefas ensinadas ao pesquisador de história [*GeschichtForscher*] quando as fontes eram as crônicas: interrogar-corrigir-interpretar / julgar ações-intenções da testemunha (SCHLÖZER, 1785, p. 597). A crítica estava, assim, no centro da investigação que visava à escrita ou à aula. Em Arnold, as prescrições da “crítica” que, segundo ele, fizeram a fama de estados alemães em matéria de erudição, no início do século XIX, eram: interrogar-corrigir-interpretar / julgar ações-intenções da testemunha (ARNOLD, 1847, p. 17).

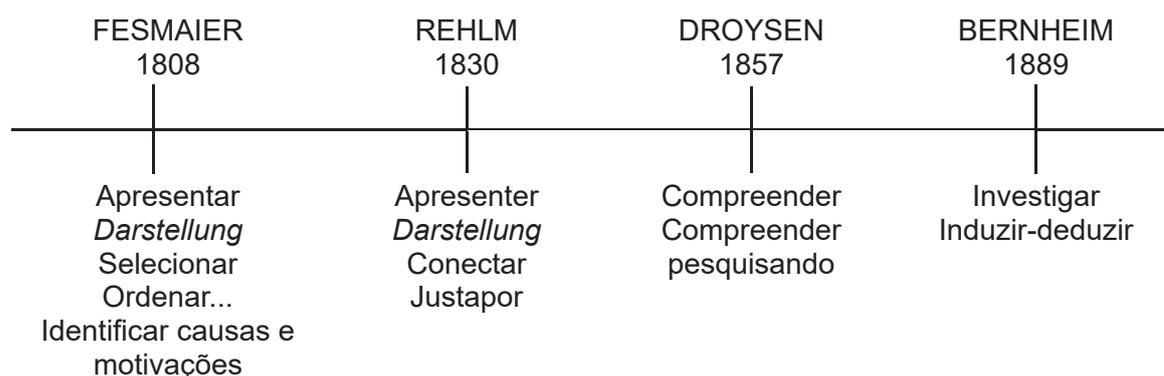
Após as publicações do conhecido manual de Droysen, que entendia a crítica

como etapa preparatória ao trabalho de interpretação, Lorenz conservou as habilidades configuradoras da crítica (classificar / ordenar / julgar as tradições) (LORENZ, 1891, p. 313). Contudo, a crítica foi situada em status superior ao estabelecido por Droysen, quando consideramos a dupla tarefa do método [histórico] cultivada por Lorenz: explicar a rejeição de uma tradição e criar uma tradição melhor que a anterior (LORENZ, 1891, p. 303-304).

Quanto às composições entre as palavras “método”, “História” e “crítica” (e termos lematizados) – “método histórico”, “método da História”, “métodos históricos”, “metodologia histórica”, “método crítico” e “método da pesquisa histórica” – elas são fenômenos típicos do século XIX. “Método crítico” [*kritischer Methode*] foi ocorrência residual. Apareceu na propedêutica de Maurenbrecher (1868, p. 24-25) “Sobre o método e a tarefa da pesquisa histórica” (1868), designando as habilidades preparatórias do trabalho do historiador: criticar / conceber / julgar.

O caráter preparatório da “crítica” foi também atribuído por Arnold (1847, p. 103) na apresentação do “método da pesquisa histórica” (criticar / usar fontes) e por Droysen ([1857/58] 1977, p. 423) no seu também “método da pesquisa histórica”, detalhado na primeira parte da *Historik*, chamada de *Methodik*: questionar-achar / criticar / interpretar / apresentar.

Figura 3: Modificações no campo semântico de MÉTODO HISTÓRICO



Sobre “Método Histórico” e “Metodologia Histórica”, por fim – e limitados ao *corpus* fornecido pelos historiadores da historiografia em língua alemã –, podemos afirmar que até 1796 os caminhos anunciados por composição designavam apenas histórias singulares – como o “método de História Mundial” de Schlözer.

Foi no texto de Fabri (1808, p. 440) que encontramos, pela primeira vez, a expressão “metodologia histórica” [*Historische Methodologie*] e já como título de tópico. Ela incorporava o significado de metodologia, designando um o conjunto de “princípios e regras” para

composição [*Ars histórica*] e leitura [*Historiomathie*] de textos históricos – uma mudança da aquisição à comunicação de representações sobre o passado (PANDEL, 1994). Em Bernheim (1889), já vimos, “metodologia histórica” referiu-se a uma espécie de didática do ensino superior e não a um suposto emprego geral e/ou iluminista [de uso moral ou político].

Quanto a “método histórico”, verificamos uso infrequente e disperso. Em geral, os autores o empregaram como síntese: na Enciclopédia de Ciências Auxiliares Históricas de Fesmaier (1802, p. 308-309), “método histórico” significa “apresentar” (selecionar e ordenar eventos, apontar causas e motivações). Na Propedêutica Histórica de Rehm (1830, p. 69), é simplesmente “dispor”. Na segunda metade do século XIX, já vemos nos manuais de Droysen (1857, p. 39) as habilidades de “compreender” ou de “compreender investigando” e, nos de Bernheim (1889, p. 101), as habilidades de “investigar” ou “induzir”.

Neste tópico, destacamos as mudanças de significados dos termos empregados para anunciar as coisas do caminho (as habilidades mobilizadas no método / constituintes do método). Mais uma vez, demonstramos que a mudança de propósito e da função teórica da História provocam uma mudança na forma de conceber o caminho (método) para cumprí-los. Agora é tempo de retomarmos sinteticamente a meta proposta na introdução: demonstrar que diferentes propósitos, orientados por diferentes concepções de História, geraram planos variados que informam implicitamente a natureza e o lugar do “como fazer” a partir de fontes empregadas pelas recentes histórias da Historiografia alemã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre a Enciclopédia de Reimarus (1775), tratando de História Natural / História da Humanidade / História da Igreja e Métodos de Aprendizagem Histórica, e a Introdução de Bernheim (1907), repartida em História / Domínios da História / Meios de Trabalho do Historiador, percebemos muito mais que o reforço de uma concepção autotélica e a respectiva queda de uma concepção exemplar, denunciada, sobretudo, pelo desaparecimento da seção dedicada ao ensino escolar de História nos escritos de Teoria e Método.

Nesse período, os impressos deixaram de ser enciclopédicos e assumiram formatos monográficos, sob os mais desprezíveis títulos: “manual”, “projeto”, “esquema” etc. De textos sobre “ramos acadêmicos” e “ciências históricas”, no século XVIII, tornaram-se introduções à “ciência da História” e manuais de “método histórico” e de “metodologia histórica”, ao final do século XIX.

Essa mudança é indicadora dos processos de institucionalização da História e de especialização dos saberes, expressas, inclusive, no esforço não só de demonstrar a cientificidade das práticas dos historiadores, mas também de situar a História em um

acreditado concerto das ciências. As iniciativas nesse sentido invocaram Bacon, Wolff, Kant, Humboldt, Marx e Comte, além de criar uma espécie de memória do método histórico que consolidou os filólogos Wolff e Boeck e os historiadores Niebuhr e Ranke como precursores e difusores de atitudes profissionais e formativas.

Ainda assim, não há como afirmar categoricamente que o “método histórico” foi puramente “debitário da Filologia”, que ganhou a forma “do método crítico” ou “do método positivista.” Não há como afirmar que “o método histórico” é redutível às práticas antiquárias comuns entre os professores da Universidade de Gottingen, em meados do século XVIII, já que o emprego desses aportes foi bastante mitigado e diferenciado.

Também não há muita razão para classificar um coletivo de historiadores como adeptos “do método rankeano” ou sintetizá-los sob o título de kantiano ou comteano. O Kant de Arnold (1847, p.83), por exemplo, é uma inspiração orientadora para a ampliação do método de conhecer historicamente, citado na tarefa de “representação”. O Kant de Droysen (1858) alimenta a história dos significados de “crítica”, etapa preparatória do método histórico. O Comte de Bernheim (1889, p.451) é apenas uma possibilidade de uso dos elementos sociopsicológicos na etapa metódica da “interpretação”. O Comte de Lamprecht (1913) é central para a interpretação sociopsicológica da história da Alemanha (as “épocas de cultura”) e designa, em algumas passagens, todo o “método” histórico que defende.

Também não é fácil sintetizar uma trajetória progressiva do método histórico a partir de duas épocas destacadas: o tempo da *Aufklärung* e o do Historicismo. É fato que os manuais do final do século XIX ainda reproduziam saberes antiquários das ciências auxiliares da História, com algumas variações. Contudo, foi esse mesmo século XIX que viu desaparecer a expressão “ciências elementares da história” (comuns no século XVIII), ainda que parte do seu conteúdo viesse a constituir a “sistemática” de Droysen, a “concepção” de Bernheim ou a “interpretação” de Lamprecht. Enquanto esse processo de ressignificação de palavras e práticas punha a História na condição de rainha, já havia, no século XVIII, propostas de divisão do trabalho do historiador, como desejou Schlözer (1784, p. 23-24), na introdução de um manual funcionalmente pragmático: coletar / pesquisar (criticar) / escrever.

O método histórico (no singular), certamente, foi desejo de alguns, mas nunca generalizado nas universidades alemãs (ao menos até 1913), quando relacionamos propósitos-caminhos-habilidades e significados de caminhos e habilidades.

Podemos bem afirmar que os “princípios”, “requisitos”, “regras”, “meios”, “procedimentos” etc. do “como fazer”, nos textos predominantemente metahistóricos, produzidos entre meados do século XVIII e meados do século XIX, foram dispostos nas seções destinadas ao estudo e à aprendizagem histórica, cumprindo propósitos de

investigação e escrita e de leitura e uso cotidiano da História.

Podemos asseverar também que, na segunda metade do século XIX, as coisas do caminho – coletar, criticar, conectar etc. – deixaram de ser tópicos ou seções de *Ars Historica* e da Historiografia para constituírem, por si próprias, uma seção sob o título *Methodik* ou *Metodologia*. Contudo, o que cada uma dessas coisas significou ao longo desse tempo nos distancia daquelas categóricas classificações sobre o método histórico, apresentadas nos nossos manuais de Teoria e Metodologia da História (método positivista, método da Escola Metódica, método historicista, método hermenêutico, método cientificista, método documental, método da crítica histórica, método crítico etc.).

E não é difícil entender as razões. A “crítica”, por exemplo, de Niebuhr é exercida sobre textos antigos; a de Bernheim, sobre textos do medievo; e a mais famosa “crítica” de Ranke foi efetivada sobre historiadores da idade moderna, gerando questionários não necessariamente semelhantes. As habilidades e valores requeridos aos historiadores por Kraus ([1789] 1809) e Gervinus (1837) são também dissonantes, apesar de os dois terem sido contemporâneos e entusiastas da função retórica da Historiografia. Até mesmo os termos de que se serviram esses historiadores para designar os elementos do caminho foram ambíguos.

Por esses argumentos, conjecturamos que os historiadores da recente historiografia alemã têm exagerado ao falar de um “cânone” para a “crítica” ou para o “método histórico”. Contudo, afirmar a fragilidade da tese sobre um cânone do método ou a existência de um singular universal chamado “método histórico” que atravessa o século XVIII e/ou é codificado no século XIX não significa desprezar o valor dos autores considerados “canônicos”.

Consideramos os manuais de Droysen, Bernheim e (acrescentamos) Lamprecht como representativos daquilo que Torhdenthal, Assis e Lingelbach designaram como protagonistas da transnacionalização do método e, paralelamente, orientadores da reflexão teórica sobre ensino de História, mesmo porque o “método” tratado na escrita de Torhdenthal, Assis e Lingelbach se tornou, efetivamente, uma vulgata bastante conhecida em vários países, durante os três quartos do século XX. O Brasil, com os textos de A. Taunay, F. Isoldi, P. Fonseca e J. H. Rodrigues é exemplo de apropriação desses discursos e modelos. Até mesmo quem tentou ultrapassar iniciativas alemãs, findou adotando os tipos canônicos, como foi o caso de Ciro Flamarion Cardoso.

Se “o método” não foi, na Alemanha, apenas “heurística” / “crítica” / “interpretação” ou “heurística” / “crítica” / “concepção” / “apresentação”, isso é outro problema. O que pensamos ser relevante não é a busca pela origem do método ou pela defesa dos seus elementos canônicos. Importante é investigar as condições de possibilidade dos processos

de replicação desses formatos e as implicações desses formatos na constituição de saberes, hoje chamados de Teoria da História, Metodologia da História e Didática da História.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Arthur Alfaix, MATA, Sérgio da. O conceito de história e o lugar dos 'Geschichtliche Grundbegriffe' na história da história dos conceitos - Prefácio. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo Engels. (Org.). *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, v. , p. 9-34.

BARNES, Harry Elmer. *History, its rise and development: a Survey of the Progress of Historical Writing from its Origins to the Present Day*. Worcester: Clark University, 1919.
BLANKE, Horst Walter. *Historiographie geschichte als Historik*. Stuttgart: Cannstatt, 1991.

BLANKE, Horst Walter. The rise of historical criticism and the process of professionalization in historical studies in Europe – the case of Germany. In: SCHMIDT-GLINTZER, Helwig; MITTAG, Achim; RÜSEN, Jörn. *Historical truth historical criticism and ideology: chinese historiography and historical culture from a new comparative perspective*. Leiden: Brill, 2005. p. 289-355.

BLANKE, Horst Walter; FLEISCHER, Dirk; RÜSEN, Jörn. Theory of history in historical lectures: the german tradition of Historik, 1750-1900. *History and Theory*, v. 23, n.3, p.331-356, 1984.

BOSS, Jacques. Nineteenth-century Historicism and its predecessor: historical experience, historical ontology and historical method. In: BOD, Rens; MAAT, Jaap (ed.); WESTSTEIJN, Thijs. *The making of the humanities: from early modern to modern disciplines*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2012. p. 131-147. v.2.

BREISACH, Ernst. *Historiography: ancient, medieval & modern*. Chicago: University of Chicago, 1994. [Primeira edição em 1983].

BUTTERFIELD, Herbert. *Man on his past: the study of the history of historical scholarship*. Boston: Beacon Press, 1960. [Primeira edição - 1955].

CASSANI, Jorge Luis; AMUCHASTEGUI, A. J. Perez. *Del epos a la Historia científica – Uma vision de la historiografia a traves del metodo*. Buenos Aires: Nova, 1966.

CROCE, Benedetto. *History - its theory and practice*. New York: Harcourt, 1921.

DALBERG-ACTON, John Emerich Edward. *Historical essays and studies*. London: MacMillan, 1907.

ESCUDIER, Alexandre. De Chladenius à Droysen: Théorie et méthodologie de l'histoire de langue allemande (1750-1860). *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n.4, p.743-777, jul./aug. 2003.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: UNESP, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Tradução de Luis Felipe Baeta Neves.

FUETER, Edouard. *Historia de la historiografia moderna*. Buenos Aires: Editorial Nova, sd.

v. 2. [Primeira edição – 1911].

FULDA, Daniel. *Wissenschaft aus Kunst – die Entstehung der modernen deutschen Geschichtsschreibung, 1760-1860*. Berlin: Walter de Gruyter, 1996.

GOOCH, G. P. *History and historians in the nineteenth century*. 2ed. New York: Longmans/Green, 1913.

IGERS, Georg G. *The german conception of History: The national tradition of historical – thought from Herder to the present*. Middletown: Wesleyan University Press, 1983.

IGGERS, Georg G. *Historiography in the twentieth century – From Scientific objectivity to the postmodern challenge*. London: University Press of New England, 1997.

IGGERS, Georg G. *The german conception of history*. Middletown: Wesleyan University Press, 1984

IGGERS, Georg G.; WANG, Q. Edward; MUKHERJEE, Supriya. Academic history and the nineteenth-century shaping of the historical profession: transforming historical study in the West and in East Asia. In: *A global history of modern historiography*. London: Routledge, 2013. p.116-156.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 3ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Edusf, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da PUC-RJ, 2006.

LEFEBVRE, Georges. *La naissance de l'historiographie moderne*. Paris: Flammarion, 1971.

MUHLACK, Ulrich. German enlightenment historiography and rise of historicism. In: BOURGAULT, Sophie; SPARLING, Robert. *A companion to enlightenment historiography*. Leiden: Brill, 2013. p.249-305.

PANDEL, Hans-Jürgen. *Historik und Didaktik: Das Problem der Distribution historiographisch erzeugten Wissens in der deutschen Geschichtswissenschaft von der Spätaufklärung zum Frühhistorismus (1765-1830)*. Stuttgart: Bad Cannstatt, 1990.

SCHWENCK, Johann Konrad. *Etymologisches Wörterbuch der lateinischen Sprache, mit Vergleichung der griechischen und deutschen*. Frankfurt: sdt., 1827, p. 435.

WASSERZIEHER, E. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin: Ferd. Dümmlers, 1918.

WOOLF, Daniel. *Uma história global da História*. Petrópolis: Vozes, 2014. Tradução de Caesar Souza.

FONTES

ARNOLD, August. *Ueber die Idee, das Wesen, die Bedeutung, die Darstellung und das Erlernen der Geschichte nebst beu Grundzügen des Entwicklungsganges der Menschheit*. Königsberg: J. G. S., 1847.

BECK, Christian Daniel. *Anleitung zur genauern Kenntniss der allgemeinen Welt und Völker Geschichte*. Erster Theil. Leipzig: Weidmannischen Buchhandlung, 1813.

- BERNHEIM, Ernst. *Lehrbuch der historischen Methode*. Leipzig: Duncker & Humblot, 1889.
- CHLADENIUS, Johann Martin. *Princípios gerais da ciência histórica – Exposição dos elementos básicos para uma nova visão sobre todos os tipos de saberes*. (1752). Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- COMTE, Auguste. Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade (1822). In : *Opúsculos de filosofia social*. São Paulo: USP, 1972.
- DROYSEN, Johan Gustav. *Grundriss der Historik Die erste Vollständige Hand-schriftliche Fassung (1857-1858)*. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1977.
- FABRI, Johann Ernst. *Encyclopädie der historischen Hauptwissenschaften und deren Hilfs-Doctrinen*. Erlangen: Johann Jakob Palm, 1808.
- FESMAIER, Johan Georg. *Grundriss der historischen Hilfswissenschaften*. Landhut: Anton Weher, 1802.
- GATTERER, J. C. Von historischen Plan und der darauf sich gründenden Zusammenfügung der Erzählung. In: *Allgemeine historische Bibliothek*, 1, 1767.
- GATTERER, Johann Christoph. [Von der Definition der Historie, der Historischen Kunst und der Historiomathie (1765)]. *Abriss der universalhistorie nach ihrem gesamten umfange von Erschaffung der Welt bis auf unsere Zeiten*. Göttingen: [sn], 1765. p. 1.
- GERVINUS, G. G. *Grundzüge der Historik*. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1837.
- HEEREN, Arnold Hermann Ludwig. *Handbuch der Geschichte der Staaten des Alterthums, mit besonderer Rücksicht auf ihre Verfassungen, ihren Handel und ihre Colonieen*. Göttingen: Röwer, 1799.
- KÖRTING, Gustav. *Ensyklopaedie und Methodologie er romanischen Philologie*. Ester Theil Heilbronn: Von Gerb. Henninger, 1884.
- KRAUS, Christian Jacob. Vermischte Schriften über staatswirthschaftliche, philosophische und andere wissenschaftliche Gegenstände. (1789) In: AUERSWALD, Hans von. *Encyclopädische Ansichten der historischen Gelehrsamkeit*. Königsbert: [sn], 1809, p. 3-49.
- KRUG, Wilhelm Traugott. *Versuch einer Systematischen Enzyklopädie der Wissenschaften*. Wittenberg: Johann Ambrosius Barth, 1796.
- LAMPRECHT, K. *Einführung in das historische Denken*. Leipzig: R. Voigtländers, 1913.
- LORENZ, Ottkar. *Die Geschichtswissenschaft in Hauptrichtungen und Aufgaben – kritisch erörtert*. Berlin: Wilhelm Hertz, 1891.
- MEINERS, C. Zum Programm einer Geschichte der Menschheit (1785). In: *Grundriss der Geschichte der menschheit*. [sdt.]: [sn.], 1793. [p.548-558].
- MEISTER, Aloys. *Grundzüge der historischen Methode*. Leipzig: B. G. Teubner, 1913.
- MEYER, E. Geschichte des Alterthums. *Geschichte des Orients bis zur Begründung des Perserreichs*. Stuttgart: J. G. Cottaschen Bunchhandlung, 1884.
- MOSHEIM, John Lawrence v. *Institutes ecclesiastical history, ancient and modern* (1755). New York: Stanford and Swords, 1852.
- NIEBUHR, Barthold Geogr. *Römische Geschichte*. Berlin: Realschulbuchhandlung, 1811.

- NIEHBUR, Barthold Georg. *Romische Geschichte* (Erster Theil). Berlin: G. Reimer, 1828.
- ORTH, Oswald. *Versuch einer Theorie der historischen Wissenschaft*. Inaugural dissertation philosophischen Facultät der Universität Rostock. Tostock: Carl Bloldt's Buchdruckerei, 1869.
- RANKE, Lepold von. Prefácio (1824). In: *Geschichten der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1535*. Dritte Auflage. Leipzig Duncker & Humblot, 1885.
- ROTTECK, W. v. *Allgemeine Geschichte von Anfang der hiftorifchen Kenntniß bis auf unfere Zeiten*. Freiburg: [sn.], 1839.
- RÜHS, F. G. *Entwurf einer Propädeutik des historischen Studiums*. Berlin: Hans schleier, 1811.
- SCHLÖZER, A. L. Aus einem Schreiben es Serrn Sofraths und Professors Schlözer in Göttingen, na den teutschen Herausgeber dieser Mably'schen Schrift. ABBE MABLY. *Art die Geschichte zu schreiben oder über die historischen Kunst*. Strasburg: In der akademischen Buchhandlung, 1784. p. 1-24.
- SCHLOZER, A. L. *Vorstellung seiner Universal-historie*. Göttingen: Dietrich Verlag, 1772-1773.
- SCHONEMANN, C. T. G. *Grudriss einer Encycloadie der historischen Wissenschaften*. Gottingen: [sn], 1799.
- SCHROECKH, Johann Mattias. *Christliche Kirchengeschichte*. Frankfurt: [sn], 1768. p. 251-278. [604-621].
- SULZER, Johann Georg. [Von der Historie (1759)]. *Kurzer Begriff aller Wissenschaften und andern Theile der Gelehrsamkeit, worin jeder nach seinem Inhalt, Nuzern und Vollkommenheit kürzlich beschrieben wird*. Leipzig: [sn], 1759. p. 24-54. [286-299].
- WACHLER, Ldwig. *Hiftorifchen Forfchung und Kunft leit der Wiederherftellung der litterarifchen Cultur in Europa*. Breslau. Zweyten Bandes Zweyte Abtheilung. Wegele Göttingen, bey Johann Friedrich Röwer. 1818.
- WEGELE, Franz von. *Geschichte Wissenschaften in Deutschland. Ausere Zeit – Geschichte der Deutschen Historiographie*. München: Von R. Didenbourg, 1885.
- WIGGERS, Johann, Georg. Versuch die verschiedenen Pslichten eines Geschichtschreibers aus einem Grundsätze herzuleiten (1784). In: *Vermischte Aufsätze*. Leipzig: [sn]. p. 1-73.
- WILL, Georg Andreas. [einleitung in die historische Gelahrtheit und die Methode, die Geschichte zu lehren und zu lernen (1766)]. Handschriftliches Ms. Stadtbibliothek Nürnberg, Nachlass Will. V. 612a. [313-349].
- WOLFF, Crêtien. *Logique ou réflexions sur les forces de l'entendement humain, et sur leur legitime usage, dans la connaissance de la verite*. Berlin: A. Haude, 1736.
- WOLTMANN, Karl-Ludwig. Von der historischen Arbeit und von Urtheil über dieselbe (1804). In: *Geschichte und Politik*, 5. Berlin, p. 252-276, 1804. [p. 491-502]

Recebido em 13/10/2022

Aprovado em 06/12/2022